

## Perfumes, odores, aromas

18/09/2015

Maria Clara Lucchetti Bingemer  
professora do Departamento de Teologia da PUC-Rio

Fechando nossa lista dos cinco sentidos, voltamo-nos hoje para o olfato, o cheiro, a capacidade de captar os odores vários que entram em nossa corporeidade aberta para a vida. O órgão principal do sistema olfativo é o nariz. Ao inspirarmos, o ar entra pelo nariz e alcança as células olfatórias, que, estimuladas pelas moléculas aromáticas, enviam impulsos nervosos ao cérebro, onde são produzidas as sensações olfativas. A sensibilidade das células olfativas é grande, de modo que poucas partículas são capazes de estimulá-las e produzir a sensação de odor. Quanto maior o estímulo, maior a intensidade da sensação de odor.

A palavra olfato vem do latim *olfactus*, que significa a ação de cheirar, de farejar. Derivado do verbo *olfacere*, que quer dizer sentir pelo olfato, por sua vez deriva de *olefacioe*, que é ligado a olor, oloris, cheiro, odor. Assim, a palavra que designa o sentido pelo qual enchemos nossas narinas com os odores da natureza e da vida combina duas raízes: olor, odor e fazer.

Dos cinco sentidos, o olfato é o primeiro a desenvolver-se no recém-nascido. Não deveria surpreender-nos, portanto, quando vemos um bebezinho com apenas algumas horas de vida apontar a boquinha em certa pontaria para o seio materno e ali plantar sua boquinha que sugará o leite que será então seu alimento. Enquanto os outros sentidos só se desenvolverão após alguns dias, o cheiro da mãe cativa o bebê desde sempre e, seguindo aquele odor, ele aprenderá a reconhecer e localizar aquela que é a fonte palpável de sua vida, que lhe dá alimento, carinho, contato e conforto.

Dali em diante, desde a mais tenra infância, a criança vai ser muitas vezes guiada pelo olfato, inclusive quando lhe faltarem ou escassearem os outros sentidos. Oitenta por cento do gosto de um alimento não vem do paladar, mas do olfato. É por isso que temos dificuldade para sentir gosto quando estamos gripados. Assim também o cheiro que provoca nossa capacidade olfativa pode funcionar como memória corporal, desencadeando lembranças e associando sensações e emoções agradáveis ou desagradáveis diretamente em nosso cérebro. O olfato não apenas agudiza nossa capacidade de identificar cheiros, aromas e perfumes, como também impacta nosso comportamento.

Quem não se lembra do grande ator Al Pacino desempenhando o papel de um veterano de guerra cego no primoroso filme “Perfume de mulher”? Mergulhado em sua cegueira, Al Pacino identifica os perfumes que as mulheres usam. É pelo perfume que ele acabará dançando o tango “Por una cabeza” com a jovem que, sozinha no restaurante, esperava o namorado. O show de interpretação do idoso cego que representava foi pelo perfume da jovem provocado em sua virilidade, proporcionando-lhe a ela e a todos nós, espectadores de tão bela cena, um momento estético inesquecível.

Sentido de fundamental importância, indica que nossa capacidade para experimentar e expressar emoções se terá desenvolvido a partir da habilidade para processar os odores. Só mais tarde a evolução da espécie haverá desenvolvido outras estruturas orgânicas mais complexas, mas talvez menos afetivas. A resposta imediata aos odores transmite uma mensagem simples que gera o prazer ou a rejeição. Por isso quando, à raiz de um trauma, a pessoa perde o olfato, todas as

suas experiências vitais se encontram diminuídas, provocando um decréscimo da vitalidade e de muitas das capacidades e das experiências emocionais.

As memórias que incluem lembrança de odores têm tendência a ser mais intensas e mais fortes emocionalmente. E um odor que haja marcado uma experiência importante pode ter a memória evocada automaticamente quando há o reencontro desse odor. Ainda que o conteúdo da experiência não tenha necessariamente relação direta com o odor, será muito difícil que não apareça novamente sempre que o odor em questão se fizer presente.

Assim também os odores que alegram e intensificam a humanidade – do pão quente saído do forno, do ramo de flores frescas colhidas que vem alegrar o ambiente, do frasco cheio de preciosa essência que empresta ao corpo o odor do amor e do carinho – encham a vida de alegria e avisam que é momento de festa e celebração. Assim aconteceu com o profeta de Nazaré que na casa do fariseu, sem receber os sinais da hospitalidade por parte do anfitrião, teve seus pés ungidos e acarinhados por preciosa essência de nardo. Ou que em seu refúgio de Bethânia, recebeu sobre sua cabeça que não tinha onde repousar o dom do perfume caro que a mulher Maria não hesitou em derramar.

Deflorando o olfato esmaecido e insosso dos varões prisioneiros da Lei, a liberdade feminina tem sido o canal por onde o sentido do olfato se sente gratificado ao longo da história. Maternal, amistosa ou sensualmente, o perfume do amor que o veterano cego foi capaz de identificar e que o Messias agradeceu e abençoou não pode jamais faltar à memória corporal sob pena de que esta se atrofie e não consiga mais inspirar a plenos pulmões o Espírito que, como o ar, sopra onde quer e carrega em si o aroma da Vida que não morre.